

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IMAGENS DE JAVIER CODESAL
22 de Fevereiro de 2025

EVANGELIO MAYOR / 2021

Um filme de Javier Codesal

Realização, Direcção de Fotografia: Javier Codesal / Som: Julia Sieiro e Manuel Benedí / Montagem: Javier Codesal e Julia Sieiro / Com: moradores da residência Josete Massa para idosos LGTBIQ+.

Produção: Teorema Films / Produtores: Javier Codesal e Julia Sieiro / Cópia: digital, colorida, falada em espanhol com legendagem electrónica em português / Duração: 138 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Com a presença de Javier Codesal.

“Interesa el caso de los viejos” - “interessa o caso dos velhos”, é uma das ideias expostas nos intertítulos, cheios de citações e referências, que abrem **Evangelio Mayor**. Depois vemos essa frase nalguns planos do filme, uma das muitas inscrições afixadas nas paredes do casarão filmado por Javier Codesal.

E, de facto, é o “caso dos velhos” que interessa Codesal, um tipo particular de velhos com reduzida presença pública e muito pouca representação, também nas artes, os velhos da comunidade LGTBIQ+. Pensando no cinema, especificamente, não é fácil dar exemplos deste tipo de representação, lembramo-nos de um filme de Vincent Dieutre nos anos 2000 (sem certeza quanto ao título, seria **Mon Voyage d'Hiver?**), e talvez isso também passe, embora de forma extrema, violenta, nalguns filmes de Jacques Nolot. Mesmo abstraindo a questão da orientação sexual, o “caso dos velhos” continua a ser uma grande intermitência quando se pensa (e quando se fazem) filmes. O filme com que mais apetece emparelhar **Evangelio Mayor** (embora o de Codesal seja muito mais “teatral”, e se exprima filmicamente de forma muito diversa) é um filme de Daniel Schmid, **Il Bacio di Tosca**, feito numa casa de repouso para antigos músicos e cantores líricos em Milão.

Também aqui se está no espaço de um lar, de uma residência (“lar”, “residência”, “casa de repouso”, tantas designações que parecem sempre eufemísticas, é difícil escolher uma fórmula) para gente vinda da comunidade, ou das comunidades, LGTBIQ+. **Evangelio Mayor** foi filmado durante umas obras de remodelação ou adaptação do espaço do edifício, o ambiente de “estaleiro” está quase sempre presente, e o filme começa por imagens de demolição de umas paredes – escolha certamente simbólica: a destruição que permite a construção de algo novo (assim como se dizia, num filme de Godard, que “só a mão que apaga” é “a mão capaz de escrever”). É um filme para dar imagem a quem não a tem, mas sobretudo para dar voz; e para, através dessa voz, fazer ressoar pensamentos milenares. A relação com os textos bíblicos, que subjaz a muitos dos diálogos do filme (e para que aponta a longa introdução através dos intertítulos), é crucial também enquanto intervenção política. Como bem sabemos, a Bíblia é uma das armas de arremesso dos sectores, por

norma religiosos e conservadores, que tentam ilegitimar as vidas LGBTQ+ e as pessoas que as vivem. Ao ligá-las a textos bíblicos (e é mesmo de “re-ligação” que se trata), mesmo quando esses textos não parecem propiciar, ao menos na superfície, uma relação com a vida LGBTQ+ (mas são frequentemente alusões ao “outro”, ao “estranho”, ao “incomum”), **Evangelio Mayor** torna-se uma resposta política a esses discursos, particularmente eficaz quando as ideias bíblicas são apontadas como uma legitimação (a questão “trans” lançada pela costela de Adão a partir da qual Deus teria criado a mulher).

Em enquadramentos muito compostos, por norma fixos mas muitas vezes plenos de movimento interno, numa encenação que “desnaturaliza” as presenças humanas, que as põe a fazer teatro, mas ao mesmo tempo é muita atenta à evidência física dessas presenças (dizer que é um filme sobre “corpos” é redutor para as pessoas que entram nele, digamos antes que é um filme sobre pessoas onde o olhar sobre os seus corpos é muito importante, simultaneamente muito franco e muito púdico), os diálogos “míticos”, ou “teóricos”, ou “filosóficos”, ou como lhes queiramos chamar, coexistem com outros que estão num nível muito prático de imanência, são registo, o documento oral e confessional (muitas vezes vêm de fora de campo, são mensagens gravadas em telemóveis, por exemplo) de aspectos biográficos de vidas LGBTQ+, mais pacíficos uns, corriqueiros outros, mas também ainda, nalguns casos, relatos de uma violência vinda de uma intolerância que podem ter (a violência e a intolerância) várias formas. Também pela ligação entre registos diferentes de oralidade – o texto “escrito” e a oralidade comum, em muitos casos cheio de espontaneidade aparente – este “evangelho” se torna “maior”, e não apenas num sentido de maioridade etária.

Luís Miguel Oliveira